

**LÍNGUA(GEM), SOCIEDADE E CULTURA: UM ESTUDO ENUNCIATIVO-
ANTROPOLÓGICO SOBRE A PESSOA FALANTE E A LINGUAGEM NEUTRA**

**LANGUAGE, SOCIETY AND CULTURE: AN ENUNCIATIVE-
ANTHROPOLOGICAL STUDY ABOUT THE SPEAKER AND NEUTRAL
LANGUAGE**

Arthur Marques de Oliveira ¹

Data de recebimento do texto: 20/08/2024

Data de aceite: 17/09/2024

Resumo: O presente artigo configura-se como uma proposta de análise que aborda a temática da linguagem neutra com base nas seguintes teorias: a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a Teoria de Gênero e os estudos Queer de Judith Butler e a Antropologia da Enunciação de Valdir do Nascimento Flores. O objetivo deste estudo é argumentar que, por meio da experiência da pessoa que fala na língua, via enunciação, é possível gerar uma identidade através da performatividade enquanto sujeito do discurso. Para alcançar esse potencial, utilizamos uma metodologia enunciativo-antropológica e transdisciplinar, focada em situações de discurso que envolvem a linguagem neutra. As análises indicam uma necessidade por parte das pessoas que falam de se tornarem visíveis e presentes na língua por meio do uso da linguagem neutra. Além disso, pode-se sustentar uma perspectiva em que as palavras possam criar espaço para as pessoas, proporcionando reconhecimento linguístico. Através de mudanças na norma padrão, a linguagem neutra pode gerar um sentimento de pertencimento entre seus usuários em relação à sua própria língua.

Palavras-Chave: Teoria da Enunciação. Linguagem não-binária. Performatividade. Antropologia da enunciação. Teoria de gênero.

Abstract: This article constitutes a proposal for analysis that addresses the theme of neutral language based on the following theories: Émile Benveniste's Theory of Enunciation, Judith Butler's Gender Theory and Queer Studies, and Valdir do Nascimento Flores' Anthropology of Enunciation. The objective is argue that, through the experience of the language speaker via enunciation, it is possible to construct an identity through performativity as the subject of discourse. To achieve this potential, we employ an enunciative-anthropological and transdisciplinary methodology focused on discourse situations involving neutral language. The analyses indicate a need on the part of language speakers to become visible and present in the language through the use of neutral language. Furthermore, one can uphold a perspective in which words can create space for individuals, providing linguistic recognition. Through changes in the standard norm, neutral language can generate a sense of belonging among its users in relation to their own language.

Keywords: Enunciation. Non-binary language. Performativity. Anthropology of enunciation. Gender theory.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS. E-mail: arthurbp2@gmail.com

O primeiro close: palavras iniciais

Este trabalho surgiu a partir de uma conversa entre orientador e orientando sobre as relações entre língua, sociedade e cultura na teoria de Émile Benveniste (1902-1976). Nessa conversa, foram exploradas as palavras que compõem essa trindade, começando por "língua", sua definição é um ponto delicado não limitando-se a uma definição e podendo ser abordada de diversas perspectivas teóricas. A segunda palavra, "sociedade", também é desafiadora de definir, seu radical latino (*socio*) dando origem a uma área vasta nas ciências humanas e conectada a campos como antropologia, linguística e filosofia. Por último, a palavra "cultura" atravessa diversos campos de estudo, sendo um termo não homogêneo com várias definições e aplicações. Nessa perspectiva, fica latente a existência de uma relação importante entre esses termos, especialmente ao observar um fenômeno contemporâneo, como a linguagem neutra.

A partir dessa conversa, constata-se que nessa tríade há, especificamente na teoria da enunciação de Émile Benveniste, uma forma de colocar em relação esses 3 termos e mobilizá-los para pensar em problemas atuais de linguística. Considera-se, então, nesse campo, a *linguagem neutra* um *problema* de investigação pertinente. O uso da palavra “problema” acima é feito tendo como base trabalhos de Benveniste (1966, 2005; 1974, 2006) e Flores (2019). No primeiro, a ideia de *problema* comparece já no título dos 2 volumes de seu livro: *Problemas de Linguística Geral* (PLGs). O autor, no prefácio que faz ao primeiro volume da obra, explica a respeito do título o seguinte:

Os estudos reunidos nesta obra foram escolhidos entre muitos outros, mais técnicos, que o autor publicou nestes últimos anos. Se os apresentamos sob a denominação de ‘problemas’ isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem, que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre biológico e o cultural, entre subjetividade e a sociedade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas da análise intralinguística. Os que descobrem noutros domínios a importância da linguagem verão, assim, a maneira como um linguista aborda algumas questões que são obrigadas a se propor e perceberão, talvez, que a configuração da linguagem determina todos os sistemas semióticos (Benveniste, 1966; 2005, p. 7).

Ora, a questão da linguagem neutra parece encaixar-se exatamente no que diz Benveniste, uma vez que se pode ver nela também algo que pode contribuir para o “grande problema” da linguagem, pois mobiliza questões nos níveis linguístico, social, interpessoal e

identitário. Flores (2019, p. 20) também movimenta a ideia de “problemas” para abordar o que, numa inversão do título da obra de Benveniste, chama de “problemas gerais de linguística”. Para o autor, há problemas que são gerais porque, implicados em toda e qualquer linguística; eles são, nesse sentido, transversais à reflexão sobre a linguagem em seu conjunto. Com isso, fica evidente a importância da discussão e a atenção que, na contemporaneidade, há em torno do fenômeno da linguagem neutra que permitem caracterizá-lo como um *problema geral de linguística*, uma vez que, nesse fenômeno, também há uma relação de implicação mútua entre língua, cultura e sociedade. Com isso, abordar a linguagem neutra tem, para nós, a envergadura de uma discussão que é, simultaneamente, geral de linguagem e geral de linguística.

Dito isso, é chegada a hora de delinear um entendimento prévio acerca do termo linguagem neutra. Pode-se atestar que a linguagem neutra é uma forma de se comunicar de maneira inclusiva, garantindo o respeito e igualdade para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero. Sobre isso, concordamos com Mokwa (2019), quando ela afirma que a linguagem neutra ocasiona uma *grande revolução na sociedade*: “[...] que todas as suas partes sejam devidamente respeitadas em sua expressão de individualidade e incluídas no corpo social, sem qualquer distinção de gênero”. Com isso, entende-se que o fenômeno da linguagem neutra — independentemente de sua permanência ou não no sistema de uma dada língua — suscita uma discussão de outra natureza, qual seja: os motivos que levam as pessoas falantes a quererem se marcar na língua dessa (ou de outra) forma. Falar sobre isso implica pensar sobre questões que atravessam os estudos da linguagem.

Essa heterogeneidade de cunho teórico, metodológico e mesmo fenomenológico pode ser comprovada também pela existência de diversas denominações que o fenômeno recebe, como por exemplo: linguagem neutra; linguagem não binária; linguagem inclusiva; linguagem neutral; entre outras. Ao longo do texto, opta-se por utilizar o termo linguagem neutra para fazer referência ao fenômeno, tendo em vista: a concepção de linguagem adotada neste estudo ir ao encontro da definição benvenistiana proposta no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009): “[...] a linguagem está diretamente ligada à intersubjetividade uma vez que, como uma faculdade de simbolizar, ela é condição de existência do homem e como tal é

sempre referida ao outro. A linguagem é constitutiva do homem na justa medida em que a intersubjetividade lhe é inerente”. Flores *et al.* (2009, p. 144). Além disso, também se tem em vista o fato de que outros autores como Medeiros e Borba (2021) e Cameron (2020) que também pesquisam esse fenômeno fazem uso desse termo para se referir ao fenômeno.

Nesse cenário, acredita-se que o fenômeno da linguagem neutra, tratado também pelas lentes da Teoria Enunciativa da linguagem, torna-se um lugar fértil para reflexões epistemológicas, com vistas a elaborar um construto teórico sobre o tema. É pertinente destacar que se encara esse fenômeno a partir do movimento que Flores (2019) chama de: “[...] postos de observação da linguagem, *a partir dos quais* se pode olhar a linguagem, ao mesmo tempo, em que são pontos *nos quais* se pode olhar a linguagem” (Flores, 2019, p. 22, grifos do autor). Acredita-se, ainda, que este seja um dos fenômenos que permite surpreender a experiência da pessoa na sua condição de falante.

Nesse íterim, ao trazer uma perspectiva transdisciplinar envolvendo estudos linguísticos, antropológicos e de gênero para esse “problema” que desperta atenção de diversas esferas da sociedade, acreditamos estar contribuindo para estimular o fazer científico no campo dos estudos da linguagem. Em especial sobre a Teoria da Enunciação, considera-se que este estudo possa ser útil para pesquisas que busquem investigar aspectos enunciativos e antropológicos de fenômenos atuais e práticos, na/da realidade, visto que:

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana, que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele (Benveniste, 1968; 2005, p. 104).

Dito isso, cabe antecipar que este trabalho se encontra dividido da seguinte forma: na primeira seção, apresenta-se uma contextualização sobre gêneros, linguagem neutra e a forma como o Brasil e outros países abordam esse fenômeno. Na segunda seção, apresentam-se as perspectivas teóricas mobilizadas no texto. No que lhe concerne, na terceira seção, será apresentada uma forma transdisciplinar de aproximação dessas perspectivas teóricas tendo em vista a formação de um construto teórico-metodológico. Já na quarta seção, serão apresentados o *corpus* da pesquisa e os princípios utilizados nas análises. Na quinta seção, serão feitas as análises enunciativo-antropológicas em si. E, por fim, na última seção realiza-se uma reflexão

sobre a trajetória do texto, visando elaborar considerações sobre a perspectiva abordada e o fenômeno da linguagem neutra.

Espera-se que este trabalho contribua não apenas para os estudos sobre as perspectivas teóricas mencionadas anteriormente, mas também que possa suscitar questões que motivem aqueles que se interessam por temas transdisciplinares, tais como: Língua, Linguagem, Gênero, Sociedade e Cultura. É evidente que há muito ainda a ser explorado na relação entre língua, linguagem, gênero e cultura. O que se apresenta aqui é, em última análise, apenas uma abordagem prospectiva de um fenômeno que também envolve os quatro aspectos mencionados anteriormente. Dito isso, estendemos o convite para a leitura dos caminhos trilhados neste estudo.

Entendendo o x do “problema”: gênero(s) e linguagem neutra

O debate sobre a linguagem neutra gera intensa controvérsia, dividindo linguistas, ativistas e desafiando opiniões conservadoras, especialmente quando figuras públicas se identificam como não binárias e buscam o uso de pronomes neutros na comunicação com seus fãs. Exemplos práticos, como o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro adotando o termo "Alunx" e a decisão do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, em relação a uma lei de Rondônia que proíbe a linguagem neutra na educação, ampliam a discussão para além dos movimentos feministas e LGBTQIAPN². Isso resulta em uma discussão mais ampla e visível na sociedade em geral.

Essa ampla visibilidade reflete-se em alguns fatos, como por exemplo: diversos movimentos contra o uso da linguagem neutra, com pelo menos 34 projetos de lei em vários estados do Brasil buscando proibi-la e a recente proibição do uso da linguagem neutra nas escolas municipais e comunicação governamental em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, através de um projeto de lei aprovado por vereadores. Esses exemplos mostram que esse

² De acordo com a organização Fundo Brasil a sigla LGBTQIAPN+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Travesti, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e o +: aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

fenômeno tem, pelo menos, dois aspectos: um social e identitário, relacionado à representatividade e identidades de gênero dos movimentos feministas e LGBTQIAPN+; e outro de natureza linguística, envolvendo a discussão do uso da linguagem como expressão e testemunho da identidade por meio de performance no discurso, via enunciação.

Ao fazer uma breve pesquisa sobre a palavra gênero, constata-se que sua raiz advém do Latim *genus*, que significa “nascimento”, “família” ou “tipo”. O termo *gênero* pode ser utilizado como conceito gramatical de classificação de palavras dividindo-se, dependendo da língua, em masculino, feminino e neutro. Embora em sua origem no Grego *γένος* (gênos e geneã) também fizesse referência ao sexo. Conforme Lima (2006) foi somente a partir do século XV, que a associação do sexo com o gênero passou a ser feita, ou seja, o termo *gênero* passou a ser sinônimo do sexo biológico dos indivíduos. É interessante ressaltar que, de acordo com Laqueur (2001), até o século XVIII, no ocidente, o modelo unissex dominava a forma de se ver as pessoas. Durante a vigência desse modelo, o gênero era concebido como algo cultural; ser homem ou mulher era uma condição social, atrelada a costumes, vestimentas, entre outros; o sexo biológico não era um fato determinante, era apenas um epifenômeno da existência humana. O modelo binário (masculino/feminino), que predomina em diversas realidades, surgiu no final do século XVIII.

Com essas informações, pode-se considerar duas perspectivas para o conceito de gênero: (a) seres com origem comum ou características naturais compartilhadas, e (b) objetos inanimados que podem ser classificados em categorias como masculino, feminino e neutro em algumas línguas, para a organização de palavras. É importante ressaltar que o intuito não é realizar uma discussão gramatical abrangente sobre o gênero, mas sim refletir conceitualmente sobre sua relação com a língua e como a linguagem neutra se encaixa nessa dinâmica.

Pensando no ambiente escolar é comum ouvir relatos em que o que se aprende em relação a gênero é que as palavras em português são classificadas como "femininas" ou "masculinas", e elas podem ter características distintas: i) palavras com gênero único, como "lanterna" (apenas feminino); ii) palavras com dois gêneros, como "moço/moça"; iii) palavras em que os dois gêneros não implicam diferenças entre membros da mesma espécie, como "bolo" e "bola"; e iv) palavras em que o gênero é determinado pelo artigo, como em "o/a

adolescente. Outro ponto interessante que o ensino escolar enfoca diz respeito às formas masculinas, quando em oposição a formas femininas, como em *moço/moça*, são consideradas formas *não marcadas*, enquanto o feminino é considerado a forma *marcada*³.

Além disso, é necessário considerar que o gênero das palavras não é algo estático e pode mudar ao longo do tempo. Por exemplo, a palavra *planeta*, que já foi feminina⁴ e hoje é masculina, ou então palavras cujo uso pelos falantes oscila entre 2 gêneros como: *a/o omelete*; *a/o diabete*; *a/o jurista*; *a/o intérprete*; *a/o estudante*; entre outros. As razões para essas mudanças podem ser variadas e incluem, ao contrário do que muitos linguistas e gramáticos difundem, fatores considerados externos à língua, a saber, as relações de pessoas falantes com o mundo.

Se a distinção linguística entre masculino e feminino parece já estabelecida, é relevante trazer que cada idioma possui a sua própria ideia quando o assunto é gênero. Se entendermos o gênero gramatical como Corbett (1991, p. 7): “[...] uma propriedade universal nas línguas do mundo, existindo apenas em algumas e manifestando-se de formas muito diversas [...]”, podemos destacar que algumas línguas, como as fino-ugrianas,⁵ não têm gênero gramatical definido enquanto outras podem ter cerca de uma dezena, como o Wolof⁶. Entretanto, nas línguas indo-europeias, como o português, existem geralmente 2 ou 3 gêneros, que se baseiam em parte na percepção de diferença sexual entre os indivíduos (Corbett, 1991, p. 10-11).

Segundo Câmara Júnior (2007): “[...] a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português [...]” (Câmara Júnior, 2007, p.88), e essa confusão pode ocorrer por 2 fatores: (i) pela associação de gênero gramatical

³ Com relação à definição de formas marcadas e não marcadas é viável trazer a seguinte definição de Dubois (2014, p. 372) sobre os termos *marcado* e *não marcado*: “[...] diz-se de uma unidade linguística que ela é *marcada* quando possui uma particularidade fonológica, morfológica, sintática ou semântica que a opõe às outras unidades de mesma natureza da mesma língua. Essa unidade marcada é, então, o caso marcado de uma oposição binária em que o termo oposto, privado dessa particularidade, é chamado *não marcado* (V. MARCA)” (grifos no original).

⁴ Acerca das acepções da palavra *planeta*, a consulta foi feita via Portal Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (2007).

⁵ As línguas fino-úgricas ou fino-ugrianas são um grupo de línguas faladas por cerca de 25 milhões de pessoas, em áreas limitadas, desde a Finlândia, a Lapónia e a Hungria até a Sibéria oriental.

⁶ Língua falada na África Ocidental, principalmente no Senegal, mas também na Gâmbia, Mauritânia, Guiné-Bissau e Mali. É a língua nativa do grupo étnico uolofe. Pertence à família das línguas nígero-congolesas.

estar intimamente ligada ao sexo dos seres e; (ii) por não existir a distinção imprescindível entre flexão de gênero e alguns processos lexicais ou sintáticos para a indicação de sexo.

Assim:

Tal interpretação, a única objetiva e coerentemente certa, se se estende aos casos em que um sufixo derivacional se restringe a um substantivo em determinado gênero, e outro sufixo, ou a ausência de sufixo, em forma nominal não-derivada, só se aplica ao mesmo substantivo em outro gênero (Câmara Júnior, 2007, p. 89).

O autor, ao fazer esse movimento, explica o que ocorre em palavras como *imperador* e *imperatriz*. Os sufixos – dor e – triz não são flexionais, mas sim derivacionais. No caso do exemplo dado, as 2 palavras têm entre si uma ligação semântica. Esse tipo de relação encaminha ao problema primeiro, que é confundir gênero gramatical com gênero biopsicossocial, fazendo com que a questão, de certa forma, se retroalimente. O gênero social pode ser entendido como uma construção, de acordo com Butler (1990; 2022, p. 242):

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. (Butler, 1990; 2022, p. 242, grifo da autora).

Assim, algumas relações envolvem o gênero gramatical e outras o gênero biopsicossocial, que se desvinculam do conceito de sexo. As confusões mencionadas por Câmara Júnior refletem as demandas de parte do movimento LGBTQIAPN+ em relação à linguagem, onde há uma compreensão inadequada das distinções entre gênero gramatical e gênero biopsicossocial. Butler (2001) explora como a categoria de sexo cria e regula o que ela descreve como uma matriz de inteligibilidade de gênero. Essa matriz é um processo contínuo, moldado pelo processo de gendrificação, que ocorre quando corpos são forçados a se encaixar nos valores binários de feminino/masculino. Isso é evidenciado em situações como a rotulagem de banheiros, a divisão de brinquedos em supermercados, formulários e cores associadas a crianças, que já estabelecem símbolos para representar o feminino e o masculino na sociedade.

Além de processos sociais, a materialidade também influencia a linguagem, servindo para sedimentar certos jogos de linguagem (Wittgenstein, 2000) que dão sentido à vida em

sociedade, determinando o que é possível e delimitando as fronteiras do inclassificável. Nessa gramática, assevera Butler (1990; 2022, p. 42), “[...] ‘as pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. Desprender-se dessas normas de inteligibilidade implica, assim, um alargamento dos esquemas sociais, linguísticos e culturais pelos quais certos corpos são reconhecidos como humanos. Butler (1990), também pensa gênero como um efeito de poder. Sobre isso, a autora diz que:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um ‘fator’ ou ‘dimensão’ da análise, ele também é aplicado a *peças reais* como uma ‘marca’ de diferença biológica, *linguística e/ou cultural*. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto (Butler, 1990; 2022, p. 31, grifos nossos).

Dessa forma, ao fazer esse movimento, a autora mostra que para esse processo se manter na sociedade, é preciso se marcar através da repetição de atos, gestos e signos, no âmbito cultural, que servem para reafirmar e perpetuar a estigmatização e construção dos corpos ditos masculinos e femininos. Em outras palavras, para Butler (1990; 2022, p. 56), gênero também é um ato intencional, um gesto *performativo* que produz significados e é constituinte da identidade sempre a partir da repetição de atos. Performatividade essa que trata da identidade dos sujeitos falantes. Com efeito, para Butler (1990; 2022, p. 44), o gênero também não é algo “acabado”, estando constantemente em construção através do tempo. Trata-se de um fenômeno inconstante e contextual, que sempre depende da forma como a sociedade está organizada e a cultura posta.

O fato do gênero se constituir em um ato performativo não exclui a sua realidade e “[...] declarar que o gênero é construído não é afirmar sua ilusão ou artificialidade, em que se compreende que esses termos residam no interior de um binário que se contrapõe como opostos o ‘real’ e o ‘autêntico’” (Butler, 1990; 2022, p. 69). O gênero faz parte da vida social, e desempenha importante papel na construção cultural das pessoas enquanto indivíduos. Como ato performativo, a identidade de gênero não é necessariamente escolhida por nós; ela se baseia em uma construção permanente a qual, muitas vezes, nem percebemos, estamos representando. Conforme:

Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos ao longo do tempo, e não uma identidade aparentemente sem suturas, então a metáfora espacial de uma 'base' é deslocada e se revela como uma configuração estilizada, a rigor, uma corporificação do tempo com marca de gênero. Mostrar será então que o eu do gênero permanente é estruturado por atos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial de identidade, mas revelador em sua descontinuidade ocasional da falta de fundamento temporal e contingente dessa 'base'. (Butler, 1990; 2022, p. 243)

Esse conceito, identidade de gênero, pode estar ligado ao sujeito no discurso, pois Butler (1990; 2022, p. 25) entende o sujeito como uma pessoa que não se definiria por ontologias, naturais ou culturais. A ideia de ontologia para Butler centra-se em ver que, enquanto sociedade, a pensarmos em "mulher", rememoramos uma performance feminina, e o mesmo ocorre com os homens que assumem uma performance masculina. É preciso desestabilizar a matriz de gênero em que os estereótipos de gêneros são construídos e reafirmados, ou seja, é preciso desestabilizar a manutenção de um discurso que conserva o sexo em um plano seguro.

Logo, considera-se que o sujeito não está restrito apenas a diferenças anatômicas ou fisiológicas anteriores à linguagem. Essas diferenças "naturais" ou "culturais" (sexo e gênero) não são meramente descritivas, mas imposições de padrões heteronormativos. A autora destaca que nenhum indivíduo se torna sujeito sem passar por um processo de subjetivação, encontrando formas de resistência e subversão aos mandatos sociais. Para a autora, o sujeito é performativo, criado pela sociedade e relações, permitindo ruptura e a inscrição de novos significados, incluindo a linguagem neutra. Essa incompletude abre espaço para o processo de ruptura e a inscrição de novos significados e, conseqüentemente, a mudança de práticas e contextos incluindo também práticas discursivas e por assim dizer, a linguagem neutra.

De acordo com Borba (2020a) e Borba e Lopes (2018), a demanda inicial para incluir as "mulheres" na linguagem surgiu no século XVIII, durante a Revolução Francesa. Olympe de Gouges liderou um movimento que propôs a Declaração dos Direitos das Mulheres, argumentando que as mulheres não se sentiam representadas na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, conforme Borba (2020b) e Lopes (2021). Portanto, a linguagem neutra, como descrito por Cavalcante (2022, p. 74), surge da percepção de que a simples dicotomia masculino-feminino não abrange adequadamente a diversidade de identidades de gênero. É

por isso que o gênero neutro é utilizado para representar indivíduos que não se identificam exclusivamente como masculinos ou femininos. Existem várias propostas e sistemas de escrita/fala que abordam essa questão, como o sistema "elu", o sistema "ile", além do uso de caracteres como x, @ e _.

Atualmente, essas novas formas de pronomes (neopronomes) estão, cada vez mais, presentes e disponíveis para que a pessoa possa preencher como se sentir mais confortável. Sobre isso, vale ressaltar que já existem sistemas circulando fora das redes sociais e ganhando mais espaço na vida real. Acredita-se que seja válido explicitar como esse sistema já está presente em na realidade, por meio de legendas em séries e filmes, disponíveis em serviços de streaming como: Netflix; Amazon Prime; Disney +; entre outros. Conforme a seguinte imagem:

Figura 1 - Exemplo de uso de ile em série.



Fonte: Site Pronouns.page (2022).

Na figura acima, pode-se ver Justine Darby, personagem da série *Tem Alguém na sua Casa* da Netflix, que estreou em 2021. Na imagem, a pessoa que está narrando conta a história de Justine que é uma pessoa não binária e reivindica o uso dos pronomes *ela*, *ele* e *elu*. Tendo estabelecido as definições a título de exemplo de alguns usos da linguagem neutra no cotidiano, é interessante também mostrar como outros países têm entendido esse fenômeno. Por isso, aborda-se, a seguir, um panorama de como diferentes países do globo estão lidando com esse “problema”.

Conforme notícia do Portal DW (2021), na Alemanha, de acordo com Scholz (2021), também estão sendo discutidas formas de neutralizar o uso do masculino genérico. Uma das

medidas informais que as pessoas encontraram para contornar o problema no alemão é acrescentar a terminação feminina no plural *innen*, antecedida de um asterisco (*): *Lehrer*innen* – o que equivaleria à expressão *professoras(as)* em português. Há alternativas como *LehrerInnen*, *Lehrer_innen* ou *Lehrer:innen*, porém, segundo observadores, o *Gendersternchen* ou *Genderstern* (“asterisco de gênero”) é a variante mais utilizada no país atualmente.

Já na Argentina, conforme o portal Perú 21 (2019), existem alguns posicionamentos positivos sobre o uso da linguagem neutra: o próprio presidente Alberto Fernández recorreu publicamente ao espanhol neutro, em um discurso para estudantes secundaristas. Além disso, a prestigiada Universidade de Buenos Aires (UBA) já reconhece o uso da linguagem neutra nas produções feitas pelas pessoas estudantes de graduação e pós-graduação.

O Portal Observatório G (2017) mapeou que o Canadá lidou com essa questão de forma um pouco mais aberta e precisa, zelando pelo uso e pelo respeito dos pronomes que as pessoas escolhem. Por isso, há naquele país uma lei que proíbe o desrespeito à identidade de pessoas transgêneros, incluindo o nome social e pronomes escolhidos. A lei passa a fazer parte do Código de Direitos Humanos do Canadá, uma norma que classifica a identidade e a expressão de gênero.

A China, por sua vez, criou um pronome de gênero neutro, o “TA”. Trata-se de um pronome pessoal que é “livre” num duplo sentido: em primeiro lugar, o cantonense falado não sofreu uma mudança tão radical como aquela que sofreu o mandarim, quando se procurou inventar um “ella” que não existia; em segundo lugar, os pronomes pessoais em cantonense, como nas outras variantes da língua sínica, não têm declinações gramaticais.

Nos Estados Unidos, essa discussão já está mais avançada. De acordo com a revista Galileu (2019), no âmbito governamental, o Departamento de Estado dos EUA já realiza a emissão de passaportes com a opção neutra na marcação de gênero. Lá, estima-se que a medida alcance cerca de 1,2 milhão de adultos LGBTQIAPN+ não binários. Nesse mesmo viés, a Câmara Municipal de Berkeley, cidade da Califórnia, votou a favor da alteração de seu código municipal com a intenção de acabar com termos específicos, trocando-os por

expressões neutras. Por exemplo, a palavra *manhole* (bueiro) é modificada, devido a “man” que significa homem e passa a ser *maintenancehole*, que significa manutenção.

Na Índia, em Nova Déli, de acordo com o Jornal O Tempo (2014), a Suprema Corte reconheceu, em decisão histórica, a existência do terceiro gênero tanto pelo viés social quanto pelo viés linguístico. Antes, transgêneros – chamados “hijras” em hindi – precisavam se identificar como pertencentes ao sexo feminino ou masculino para emissão de documentos oficiais. Segundo os juízes, é um direito humano escolher seu próprio gênero e não precisar se identificar como homem ou mulher.

Enquanto isso, no Brasil, segundo o Jornal Metrópole (2021), circulam diferentes pontos de vista sobre a temática. Entretanto, a maioria dos movimentos políticos e/ou legislativos são contra o uso e até mesmo contra a discussão da linguagem neutra em ambientes escolares ou governamentais. A proibição do uso de gênero neutro na Língua Portuguesa é tema de projetos de leis em 19 estados brasileiros e no Distrito Federal. De acordo com levantamento feito pela Agência Diadorim, 34 propostas têm por objetivo impedir a variação gramatical para além do gênero feminino e masculino.

Um olhar prospectivo e (trans)teórico para a enunciação

Temporalmente, os estudos de Benveniste influenciaram muitos admiradores, gerando desdobramentos significativos em suas teorias. A questão da enunciação foi central para diversos pesquisadores, tanto no Brasil quanto no exterior, que se dedicaram ao estudo de Benveniste. No entanto, nas últimas duas décadas, houve um que Aresi (2020, p. 19) chama de “[...] alargamento epistemológico da teoria enunciativa”. O autor demonstra que a teoria enunciativa, originalmente atribuída a Benveniste, pode ser aplicada de maneiras diversas. É também nessa expansão que se encontra um espaço para este estudo.

É fundamental esclarecer que essa abordagem não implica em subverter ou hierarquizar as teorias. O propósito aqui é apresentar e explorar essas teorias de forma transdisciplinar, em prol da compreensão do fenômeno da linguagem neutra. O conhecimento transdisciplinar abrange campos que estão simultaneamente entre, através e além das

disciplinas tradicionais. De acordo com Nicolescu (1999, p. 16)⁷, o termo transdisciplinaridade foi utilizado pela primeira vez por Piaget, em uma conferência do congresso sobre interdisciplinaridade, realizado em 1970, na Universidade de Nice, França. Piaget ao defini-lo afirma que:

[...] à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar ver sucedê-la uma etapa superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em encontrar interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteira estável entre essas disciplinas (Piaget, 1970, *apud* Sommerman, 2012, p. 397).

Assumir esse direcionamento epistemológico, de natureza transdisciplinar, mostra-nos essa face característica da Linguística, que acompanha essa nova maneira de produzir conhecimento, pois o linguista: “[...] face à situação de pesquisa em se que apresenta, e que tem a linguagem em sua base, olha para as disciplinas múltiplas que tem à sua volta e através delas vai além do âmbito de cada uma em particular” (Celani, 1998, p. 120).

A Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, conforme foi convencionada ao longo das décadas, tem sua origem em discussões e reflexões sobre os artigos do autor, que fazem parte dos 2 volumes de sua obra *Problemas de Linguística Geral*, doravante PLGs. Por isso, temos em mente que, ao dizer que existe uma teoria da linguagem em Benveniste, estamos colocando-a como uma perspectiva de estudo e/ou reflexão acerca da linguagem. Como visto no item acima, Benveniste é considerado o principal representante da teoria que levou esse nome (Flores, 2005; Flores; Teixeira, 2005; 2017). Assim, tendo em vista que a *Teoria da Enunciação* benvenistiana ocupa-se do mesmo modo de questões que envolvem, principalmente, a presença linguística do sujeito na língua, julgamos pertinente abordar e descrever um dos conceitos-chave: a enunciação.

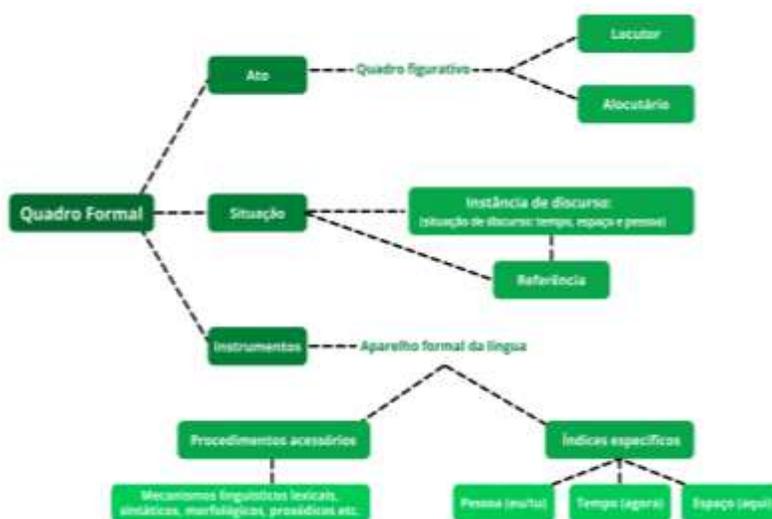
Dito isso, centrar-se-á esforços em entender o caminho metodológico que Benveniste esboça no texto “O aparelho formal da enunciação” (1970). A escolha desse texto, especificamente, deve-se aos seguintes fatores: (a) de todos os seus artigos presentes nos PLGs, este é o único a conter o termo “enunciação”, trazendo esse tema como foco; (b) é nesse texto que Benveniste apresenta os aspectos metodológicos para análise de estudos da

⁷ Segundo Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade vem suplantar as visões que a precedem: disciplinaridade, multidisciplinaridade e interdisciplinaridade.

enunciação; (c) é nesse texto que podemos encontrar uma definição explícita de enunciação; (d) o fato de que “*O aparelho...* condensa os mais de quarenta anos de reflexão linguística sobre a enunciação. Trata-se, portanto, de um momento-síntese da obra enunciativa de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 161, itálico do autor); por fim, (e) a indicação de que nesse texto “[...] parece haver [...] uma espécie de reunião de elementos que possibilitam falar em uma linguística enunciativa de Benveniste” (Flores, 2013, p. 176).

A primeira consideração sobre *O aparelho formal da enunciação* (1970) é referente a análise no ato da enunciação, não em seu conteúdo textual. Esse ato promove a instrumentalização da língua, que é utilizada por um sujeito. A produção do enunciado se dá através de um mecanismo específico. Primeiramente, a enunciação “[...] supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 82). Benveniste ocupa-se com a análise formal da enunciação, ou seja, com a análise dos elementos necessários para a produção dos enunciados, com as condições necessárias para a produção do discurso. Com isso, o autor coloca que o processo da conversão da língua em discurso pode ser estudado por diversos aspectos, mas elenca 3: a) o ato da enunciação em si; b) as situações de sua realização; c) os instrumentos necessários para a enunciação. Utilizamos o esquema abaixo com o intuito de deixar a explicação mais clara.

Figura 2 - Esquema do quadro formal de realização da enunciação.



Fonte: Adaptado de Flores (2019, p. 160).

A seguir, utilizamos algumas passagens do autor para explicar, da melhor forma o quadro proposto. Partimos do fato de que Benveniste caracteriza a enunciação como: “[...] colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1970; 2006, p. 82). Sua condição específica é: “[...] o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado [...]” (1970; 2006, p. 82), ato este tomado como objeto. O estudo desse processo, conforme o autor, pode ser abordado em 3 eixos: (a) como *realização vocal da língua*; (b) o mecanismo dessa produção, procurando entender como o sentido se forma em palavras, ou a *semantização da língua*; e (c) a definição da enunciação no *quadro formal* da sua realização (*quadro formal de realização da enunciação*). Ao colocar esses aspectos, Benveniste (1970/2006, p. 83) se esforça para: “esboçar, no interior da língua, os caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza”. Para fins metodológicos, na enunciação considera-se sucessivamente: a) o próprio *ato*; b) as *situações* em que ele se realiza; e c) os *instrumentos* de sua realização. “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua [...]” e “[...] depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso” (BENVENISTE, 1970; 2006, p. 83-84).

Benveniste conclui o texto falando que muito ainda deve ser estudado sobre os desdobramentos da enunciação, como a distinção entre a enunciação falada e a escrita abrindo sua teorização para possíveis desdobramentos futuros:

Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui (Benveniste, 1970; 2006, p. 90).

Alguns desses desdobramentos podem ser vistos quando Flores, em diferentes textos (2015, 2019), propõe uma Linguística do homem falante, ou uma Antropologia da Enunciação. Essa perspectiva, baseada em Benveniste - mas também em outros autores - consiste em investigar o conhecimento que o falante produz sobre si e sobre a própria língua ao usar a língua para falar da língua. Assim, toma por objeto os comentários que o falante faz sobre a sua presença na língua, permitidos pela propriedade metalinguística natural da linguagem. Flores (2015) chama esse nível de percepção, revelado pelos comentários do

falante acerca da sua condição de falante, de contorno de sentido, cuja natureza semântico-interpretativa, por sua vez, revela um saber sobre a língua.

Para que fique claro: o contorno de sentido é algo que o falante cria em relação a uma unidade que ele identifica como tal. Não é necessário que corresponda à verdade científica; o que importa é o conhecimento que o falante expressa. Em outras palavras, o falante pode gerar uma interpretação sobre um elemento X que, em uma análise minuciosa, pode não estar diretamente relacionado ao que está sendo dito. O contorno de sentido posiciona o indivíduo em sua qualidade de falante, inerentemente interlocutor.

A partir dessa perspectiva, o interesse reside em examinar as propostas de linguagem neutra, com foco nos comentários feitos pelos falantes ao pleitear a adoção dessa linguagem. Esses comentários revelam um entendimento não apenas da língua, mas também da cultura e da interconexão entre falante, língua, cultura e sociedade. É importante notar que o "contorno de sentido" representa um conhecimento que nem sempre coincide com a verdade científica. Em relação aos discursos sobre a linguagem neutra, algumas vezes há uma percepção de que o gênero gramatical reflete precisamente o gênero social, como se o gênero masculino de "livro" e o gênero feminino de "luva" correspondessem diretamente ao conceito de gênero social. Essa visão, embora comum, não é universal e não se alinha necessariamente com fatos científicos.

Flores (2008) é taxativo ao afirmar que a natureza intersubjetiva do homem é o *a priori* radical da teoria de Benveniste. O homem somente é homem porque tem linguagem, sendo assim, não é possível opor o homem à linguagem, pois isto significa opô-lo a sua própria natureza. Trata-se de um princípio reiterado em diversos momentos da teoria. Ainda de acordo com Flores (2008), mesmo não sendo o uso do termo intersubjetividade tão comum quanto o termo subjetividade ou pessoa, no entanto, o tema é recorrente nos seus diferentes momentos.

Conforme Flores (2008), na intersubjetividade a linguagem é apresentada como condição de existência do homem e, assim, sempre referida ao outro, fazendo uma indissociabilidade entre linguagem e intersubjetividade. Pensamos que analisar a questão da

linguagem neutra considerando principalmente o posicionamento do falante e sua intersubjetividade é algo de extrema relevância na proposta que estamos construindo ao longo desta dissertação. A consideração da noção de intersubjetividade para a reflexão acerca das pessoas que se identificam como não binárias pode-se entender também como uma forma de compreender o que está em jogo quando essa pessoa se coloca no discurso e recorre ao uso da linguagem neutra bem como um movimento de performatividade via enunciação.

O termo performativo passou a ser difundido através do trabalho de Butler sobre os estudos de gênero e das teorias *queer*. Entretanto, esse termo não é novo aos olhos das artes, da linguagem, nos estudos de semântica, da sociolinguística, da psicolinguística, entre outras. É no espaço entre constativo e performativo, na teoria de Austin, que a autora situa suas ideias sobre *performance*. Para a filósofa, enunciados como “é uma menina” ou “é um menino” não simplesmente descrevem um estado de elementos anteriores à sua enunciação, mas fazem com que o corpo ao qual eles se dirigem se torne parte do processo de enquadramento nas normas dispostas na matriz de inteligibilidade de gênero, esses enunciados iniciam um processo pelo qual a generificação daquele corpo é social e discursivamente compelida (Butler, 1993). Com efeito, tal generificação será acompanhada por outros possíveis enunciados: ademais, se “é uma menina”, pode ser seguido por “brinque de boneca”, “cruze suas pernas ao sentar”; já o enunciado se “é um menino”, pode ser seguido por “brinque de carrinho”, “abra suas pernas ao sentar”, entre outros; atos de fala que visam encapsular um corpo às normas de coerência entre sexo, gênero e identidade, que constituem a matriz de inteligibilidade já discutida.

Nesse sentido, pode-se dizer que identidades de gênero são também moldadas na/pela linguagem, o que significa que não existe identidade de gênero que a preceda, ou, em outras palavras, não há identidade antes do ser humano ser interpelado, linguisticamente, pelos discursos e suas situações. Com isso, Butler parte do performativo para alcançar a performatividade:

Já que somos produtos dos discursos, linguagem e significados que estruturam os atos com os quais nos engajamos e pelos quais somos constituídos como sujeitos [...], o que devemos fazer é focar significados alternativos no curso de nossas repetições desses atos. Já que a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo como regimes epistemológicos e ontológicos são fontes significativas dos atos que

constituem nossa corporificação generificada, a rota para mudança nessa área é por repetições que subvertam as normas de gênero com a esperança de desestabilizar e deslocar tais regimes [...] (Jagger, 2008, p. 33-34).

Desse modo, a performance, quando relacionada ao gênero, é um tipo de ocorrência que pode se dar em qualquer corpo, desconectado (ou não) da ideia de que cada corpo corresponde a um gênero. Butler (2003) propõe repensar o corpo como uma “superfície politicamente regulada”, em que muitas forças estão circunscritas nos comportamentos e expectativas sociais. A dimensão contingente do gênero como *performance* sugere a necessidade de repetição que, ao mesmo tempo em que é a reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente, é também, a cada vez, uma nova experiência de performance ou o que a autora chama de “[...] repetição estilizada de atos” (Butler, 2003, p. 200). Pode-se considerar que tanto a performatividade em Butler quanto a enunciação em Benveniste são atos e que se diferenciam apenas em seu potencial de serem repetíveis ou irrepetíveis. Contudo, não seriam apenas atos ordinários, mas também *performativos*, que podem, sexualidade e identidade no âmbito social.

Tendo em vista deixar essa discussão (entre performance e performatividade) mais clara, decidi-se trazer o trabalho de Borba (2014). Nele, o autor mostra que Butler (1988; 2004; 1990; 2022; 1993; 1997) esclarece qualquer querela de dúvida que exista entre os termos citados acima. No que se refere à confusão entre performance e performatividade, a Butler argumenta que essa visão voluntarista do sujeito generificado, que pode escolher as performances de gênero nas quais quer se engajar, esquece de um aspecto constitutivo da performatividade: a regulação. Para Butler:

A dimensão ‘performativa’ de construção é precisamente a forçosa reiteração das normas. Nesse sentido, então, não é que só existam limitações à performatividade, mas, pelo contrário, são as limitações que necessitam ser repensadas como a própria condição da performatividade. A performatividade não é um jogo livre nem uma autoapresentação teatral; não pode também ser igualada à performance. Além disso, a regulação não é necessariamente aquilo que coloca um limite à performatividade; a regulação é, ao contrário, aquilo que impele e sustenta a performatividade (Butler, 1993, p. 93).

As performances de gênero só podem existir quando imersas em uma cena discursiva plena de constrangimentos, que limitam o que conta como inteligível quando se trata de gênero. Butler enfatiza, assim, que as performances de gênero não acontecem livremente: são

sempre reguladas por uma estrutura rígida (matriz de heteronormatividade) e os discursos que a sustentam. Essa estrutura delimita as possibilidades do ser e da expressão de sua identidade. Com isso, entende-se que performatividade não é performance; a performatividade é o que possibilita, potencializa e limita a performance (Cameron; Kulick, 2003; Pennycook, 2007). Entender os conceitos de gênero, sexo, sexualidade, raça, entre outros, como performativos não é meramente afirmar que eles são uma performance, mas sim que eles são produzidos na/pela/durante a performance, sem uma essência que lhes serve de motivação. Performatividade, assim, chama atenção para:

[...] os códigos de significação que subjazem [possibilitam e restringem] determinadas performances, e com isso, desafia a percepção do senso comum de que nosso comportamento verbal enquanto outros são uma expressão ‘natural’ de nossos eus essenciais. Para Judith Butler, a identidade não é a origem, mas o efeito das práticas de significação: esta é uma abordagem que, a nosso ver, deve ser essencial para os pesquisadores cuja linguagem e comunicação são preocupações primordiais (Cameron, D.; Kulick, D. 2003, p. 150).

Com efeito, a teoria delineada acima, mostra que a identidade é composta por descontinuidades, fissuras, quebras e, dessa maneira, questiona um dos sistemas de reconhecimento que confere o status de humano a determinados indivíduos. Tal sistema de reconhecimento – o modelo expressivo de identidade discutido anteriormente – é, na maioria, produzido e sustentado na/pela linguagem, a qual constitui um dos elementos-chave para o reconhecimento social e cultural. Não obstante, mostra-se, assim, que o processo de formação e estabilidade das identidades dos seres humanos está, de fato, atrelado também a questões de língua e linguagem.

A referência identitária via performatividade na enunciação

Butler, ao desenvolver a noção de gênero como ato performativo e de linguagem, coloca a identidade como efeito desses atos. A partir disso, pode-se pensar no deslocamento do sujeito da posição de anterioridade e causa dos atos para a posição de efeito desses atos. A partir das concepções de identidade, sujeito, performance e performatividade, vistas na seção anterior, pode-se compreender o lugar do sujeito, que faz uso da linguagem neutra, deslocando-se para identidade de pessoa não binária, a qual encontra, na língua, um não lugar,

onde não há formas linguísticas que comportem sua existência identitária, com isso, esse sujeito constrói seu espaço, tanto na língua quanto na sociedade, na medida em que mobiliza novas formas de se representar.

Esse não lugar do sujeito da pessoa não binária obviamente não o livra de ser atravessado por mecanismos de poder, mas permite que essa pessoa, enquanto sujeito, tenha maior liberdade e potencial de resistência e existência contra aquilo que, ao tentar defini-lo, imobiliza-o. A diversidade de atos e de formas de ser e existir se constitui como a força de resistência, portanto, energia, necessária ao escape de categorias identitárias. No que concerne ao uso da linguagem neutra nessas performances, escapar, também linguisticamente, às categorias binárias do que é considerado ser mulher ou homem, abre um campo de manobra para combater tantas normas e prescritivismo socioculturais quanto linguísticos por isso, construir a ideia de performatividade de gênero na enunciação é de suma importância para estudar os falantes e suas relações interlocutivas.

Butler (1990) argumenta, que nascer homem ou mulher não determina o comportamento de uma pessoa. Na verdade, as pessoas aprendem a se comportar de maneiras específicas para se encaixar na sociedade. A ideia de gênero é um ato ou performance que surge com esse ato sendo a maneira como uma pessoa anda, fala, veste-se e se comporta. A autora classifica essas características de gênero, como “performances de gênero”. Para a autora, o que a sociedade considera o gênero de uma pessoa é apenas uma performance feita para agradar às expectativas sociais e não uma verdadeira expressão de sua “identidade de gênero”.

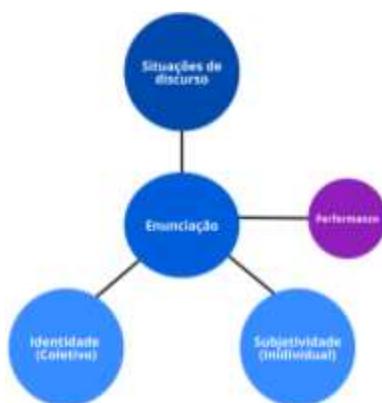
Desse modo, entende-se que no ato enunciativo há também o performativo de Butler (1990; 2022 p. 242), a realização da enunciação entre os locutores, mostrando, assim, a discursivização da língua, uma possível exposição da subjetividade como fator identitário, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob forma de discurso. Em outras palavras, pode-se entender esses atos, quando vistos pela viés da linguagem neutra, como atos em busca de uma enunciação de si, não articulada apenas ao *eu* do discurso, mas também ao *eu* no social e é através desses atos

que se constroem relações de alteridade e afirmação abrindo espaço para que língua e linguagem atuem na realidade dos falantes tanto de forma individual quanto social.

Essa relação entre os vieses social (identidade) e linguístico (subjetividade) da língua levanta o seguinte questionamento: como é possível que 2 aspectos tão diferentes *à priori* possam se relacionar? O ponto de intersecção desse relacionamento estaria na própria performatividade da enunciação, pois é nas situações de discurso (onde os indivíduos percebem-se como semelhantes a partir da identidade devido a questões, principalmente sociais e culturais como gênero, por exemplo) que a articulação da/na enunciação universaliza (identidade) e singulariza (subjetividade) os indivíduos no discurso, enunciando e transpondo-se de indivíduo para sujeito.

Defende-se que a identidade de gênero, juntamente com fatores sociais e culturais, promove a formação de comunidades. A identidade é universal, pois todas as pessoas têm uma, ainda que temporária, e serve para unir aqueles que compartilham identidades similares. No entanto, mesmo com essas identidades semelhantes, a expressão individual pode ocorrer em situações de discurso e relações interpessoais. A linguagem neutra é uma forma que considera essa perspectiva, especialmente para a comunidade não binária que busca espaço linguístico. O esquema abaixo ilustra essa relação de forma clara.

Figura 3 - Esquema de aproximação entre Subjetividade e Identidade.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2021, p. 146).

Com esse construto teórico, ocorre uma convergência entre as perspectivas enunciativa e butleriana. O quadro formal da enunciação possibilita a compreensão da performatividade da

identidade de gênero do falante na linguagem. Isso sugere que as pessoas possam ter diversas motivações para usar e exigir uma linguagem neutra. Argumenta-se que, ao optarem por: (a) utilizar uma linguagem que se desvia da norma padrão e (b) demandar mudanças linguísticas, as pessoas estão, de fato, procurando marcar sua identidade por meio da linguagem e da enunciação. Isso se alinha com a ideia de que, “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver” (Benveniste, 2006, p. 222). Portanto, é possível considerar que a língua e a linguagem desempenham papéis cruciais tanto na constituição do discurso linguístico quanto na construção da realidade social e extralinguística dos falantes e sujeitos. Flores (2020), ao fazer menção à condição figurativa do falante, mostra que essa condição da língua, ao agir ou operar sobre o falante, levanta uma condição muito especial do falante:

Sempre que o homem fala, a língua opera nele, está nele, concede-lhe uma condição específica na relação com o(s) outro(s). Isso pode interessar ao linguista na justa medida em que este, falante que é, percebe que cada falante constantemente retorna sobre essa sua condição para situar-se em relação ao outro e para situar o outro em relação a si. Um estudo dessa natureza poderia voltar à célebre noção benvenistiana de “pessoa” para reinterpretá-la no uso das línguas, e chegaríamos, assim, a uma linguística dos seres falantes (Flores, 2020, p. 44).

Posto isso, entende-se que se a língua opera no falante, ela, por consequência, vai operar também no âmbito social. Afinal, quando o sujeito se coloca no discurso, ele constrói um enunciado cujo sentido é a representação de sua enunciação. Desse modo, além do sentido ser partilhado e construído pela interlocução esse também é de responsabilidade primeira do locutor que, ao produzir linguagem, toma posição diante dos fatos sobre os quais se enuncia, e nesse movimento evidencia-se movimentos culturais e linguísticos.

Esse construto que relaciona enunciação, antropologia, gênero e performatividade vai centrar-se em olhar para a forma como, na enunciação e na língua (escrita ou falada), a pessoa pode constituir também sua identidade via processos de subjetivação. Além disso, investigar-se-ão marcas ou pistas de subjetividade (individual) que possam constituir a identidade (coletiva) da pessoa pela performance de sua identidade de gênero. Dito isso, podemos corroborar essa necessidade em pensar outras perspectivas para enunciação dos sujeitos em si, bem como propor novas formas de análises dessas enunciações, sempre buscando olhar para esse fenômeno e seus dados não de forma restritiva ou que vise um controle, mas sim de dar espaço a infinitas possibilidades de o sujeito-indivíduo se enunciar, sentir, emancipar e ser.

Facio, ergo sum! Para além do comunicar: a língua como testemunha do ser a partir de atos enunciativos e identitários

Tendo em vista lançar um olhar para o fato de as pessoas falantes falarem sobre a questão da linguagem neutra, não é de interesse dos pesquisadores vincular o material de análise apenas a um gênero textual e/ou discursivo. Dito isso, o *corpus* é composto de segmentos de diálogos extraídos de diferentes origens, como: comentários do Facebook e uma reportagem que circulam na grande mídia. Essa escolha deu-se porque, durante a busca, encontramos muitos diálogos que se acredita ser pertinentes para este trabalho, por retratar a questão da linguagem neutra, mais especificamente, o debate entre sujeitos a respeito de suas e de outras identidades.

Entende-se, a partir de uma observação atenta aos aspectos linguísticos, sociais e culturais até aqui discutidos, que os debates sobre linguagem neutra acontecem em contextos bastante variados de interação entre sujeitos. Não nos interessa, neste momento, analisar apenas um tipo de gênero textual e/ou discursivo, tampouco fazer juízo de valor sobre a linguagem neutra. Interessa-nos a observação, através dos mecanismos trazidos no capítulo anterior, a construção de um eu por parte do eu-tu em que há espaço para a performatividade de uma identidade, tendo em vista que os enunciados analisados a seguir possibilitam construção, via performatividade e enunciação, de um referente identitário tendo como base o sentido construído nas situações de discurso. Considera-se que a construção dessa identidade aconteça intersubjetivamente no momento da performatividade, via enunciação, e que a observação dessa construção possa nos dizer algo sobre a relação entre falante, linguagem e cultura.

Apresentaremos dois conjuntos de dados: o primeiro consiste em comentários de um grupo público do Facebook, onde diversos sujeitos interagem livremente, e o segundo é composto de diálogos de uma entrevista concedida por jovens não binários ao Jornal Zero Hora. Cada conjunto é denominado como "conjunto 1" e "conjunto 2," respectivamente. Dentro de cada conjunto, selecionamos diálogos numerados (Diálogo 1 e Diálogo 2). O primeiro conjunto de dados provém de conversas no Facebook, envolvendo diversas pessoas

que compartilham algo em comum, fazendo parte do mesmo grupo, mas que podem não se conhecer pessoalmente. O segundo conjunto abrange diálogos de entrevistas com jovens não binários, fornecendo insights sobre suas experiências com o uso da linguagem neutra.

Sobre as análises é importante ressaltar que a análise enunciativa se caracteriza como qualitativa, desse modo, cada análise é única sendo uma possível ilustração da teoria não sendo possível esgotá-la. Minayo (2007, p. 24) enfatiza, que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes [...]” e, a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados de forma linguística e social buscamos compreender e interpretar situações de discurso sobre a linguagem neutra.

A partir do caminho metodológico esboçado por Benveniste, das indicações de Flores e da perspectiva trazida por Butler busca-se por uma análise enunciativo-antropológica tendo em vista a referência que o sujeito cria em sua performatividade via enunciação. Entende-se os recortes como segmentações feitas pelo analista a partir da transcrição para fins específicos; nesse caso, selecionamos os trechos em que há comentários do falante sobre a linguagem neutra e a língua. Portanto, o que nos interessa, vale repetir, é compreender como o locutor fala da língua e a referência que esse constrói ao tecer seu comentário sobre a linguagem neutra.

Para tanto, escolhemos como recurso metodológico aquilo que Benveniste propõe em seu texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), como uma das abordagens possíveis para estudar a enunciação. Analisaremos: i) o ato, ou seja, o quadro figurativo da enunciação; ii) a situação ou contexto no qual o enunciado está imerso; e iii) os instrumentos linguísticos que o locutor utiliza em seu discurso e que marcam sua relação com a língua no comentário que esse faz.

Sobre a segunda perspectiva adotada temos como base a Antropologia da Enunciação proposta por Flores (2019). Durante a seleção de recortes, foi possível encontrar comentários do falante sobre a língua e sua experiência de falante na língua, o que permite a construção de referência no interior dos diálogos sobre a linguagem neutra. Em outras palavras, essa forma de estudar o sentido, trata do dizer do homem acerca da presença da língua nele. Podemos ver isso acontecer quando o falante fala do fato de experienciar, em diferentes fenômenos, a

presença da língua nele. Além disso, via Antropologia da Enunciação podemos observar o fato de o falante tematizar a sua posição de falante ao tratar de fenômenos em que ele está implicado como falante.

Assim como Flores (2019, p. 264) também acreditamos que: “[...] o estudo do contorno de sentido, é de natureza semântico-interpretativa e diz respeito à capacidade que a língua tem de conter os mecanismos necessários para que o homem coloque em prática, cotidianamente, a propriedade de auto interpretação”. No quadro abaixo, propomos um possível esquema das perspectivas mobilizadas nas análises.

Figura 4 - Representação da análise enunciativo-antropológica.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

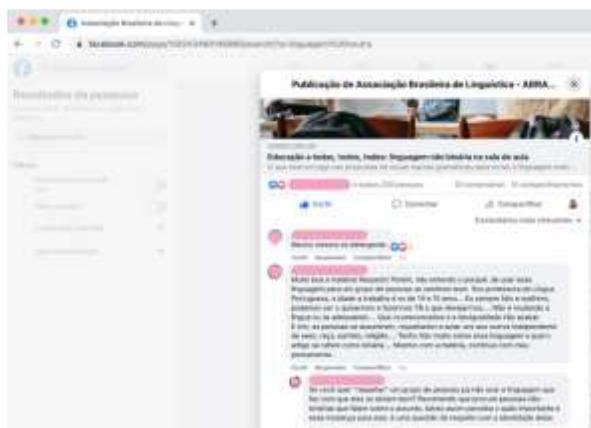
No primeiro momento será realizada uma análise enunciativa que compreende ato, situação e instrumentos. Em seguida, será feita uma análise enunciativo-antropológica, olhando agora para o falante enquanto parte integrante de sua experiência no processo de significar na língua. Entre essas 2 formas de análise, argumentamos que há o componente performativo que, neste estudo, estende-se como uma parte referencial do discurso dos sujeitos. Em relação ao elementos gráficos, podemos destacar que: (a) usa-se linhas fixas no que se refere a análise enunciativa tendo em vista delimitar e criar um espaço para a ilustração da metodologia; (b) aloca-se a análise enunciativo-antropológica em linhas vazadas, pois entende-se que o contorno de sentido é construído paralelamente com os elementos da enunciação; por fim, (c) o componente performativo ocupa um lugar de meio também em linha vazada, pois considera-se esse fator como um conjunto de práticas discursivas.

Tendo construído o processo de análise dos diálogos e comentários dos falantes envolvidos através do quadro enunciativo e do caminho metodológico sugerido por Flores (2019), consideramos necessário reafirmar, que não faremos análises exaustivas, e sim ilustrativas. Feitas essas observações, pretendemos, no próximo item, incorrer às análises dos diálogos escolhidos tendo em vista a construção de uma *referência* identitária da performatividade de gênero, na enunciação, a partir de enunciados dos falantes.

Análises

Conjunto 1 – Diálogo 1 (Figura 11)

Figura 5 - Conjunto 1 – Diálogo 1.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 1 - Conjunto 1 – Diálogo 1.

Comentarista A	Muito boa a matéria! Respeito! Porém, não entendo o porquê, de usar essa linguagem para um grupo de pessoas se sentirem bem. Sou professora de Língua Portuguesa, a idade que trabalho são os de 14 e 15 anos... Eu sempre falo e reafirmo, podemos ser o que quisermos; e fazermos também o que desejarmos... Não é mudando a língua ou se adequando... Que os preconceitos e a desigualdade irão acabar.
Comentarista B	Se você quer “respeitar” um grupo de pessoas porque não usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem? Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto, talvez assim perceba o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diálogo 1, há dois locutores: Comentarista A, se configura como um “eu” que inicia o diálogo e elabora um enunciado abordando sua opinião sobre o uso da linguagem neutra e sua experiência com estudantes em sala de aula. Já o Comentarista B, se caracteriza como um “eu” questionador e contrário ao Comentarista A. O Comentarista B, ao colocar

fazer seu enunciado busca os seguintes movimentos: (a) questionar o posicionamento do Comentarista A; (b) duvidar da real intenção do Comentarista A sobre a questão do substantivo “respeito”; e (c) fazer inferência sobre o desconhecimento do Comentarista A e também uma sugestão sobre o que o Comentarista A deveria procurar saber em relação a linguagem neutra e a importância dessa para as pessoas não binárias.

Em relação ao interlocutor, identificamos que pode se tratar também de um “tu” imaginado desdobrado: ainda que não seja possível prever quem terá acesso ao conteúdo, já que os comentários se encontram em uma plataforma na Internet, na qual qualquer pessoa pode ter acesso, é possível identificar perfis para esse “tu”: (a) pessoas linguistas afinal; (b) professoras; ou ainda (c) gramáticas, afinal, o grupo pertence a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

A situação de discurso, ou o contexto do material analisado abaixo, pode ser caracterizada como um diálogo, a partir do comentário de duas pessoas: Comentarista A, mulher, professora de Língua Portuguesa, cerca de 45 anos; Comentarista B, também professora de Língua Portuguesa, cerca de 25 anos. Esses comentários foram publicados instantaneamente na página oficial da ABRALIN e foram registrados logo após a publicação de uma matéria, por parte dos administradores da página, sobre linguagem neutra na sala de aula. O trecho destacado acima é a transcrição do diálogo que aconteceu no ambiente virtual, Facebook. Ademais, o espaço desses comentários no Diálogo 1 também se caracteriza como um lugar de discordância e divergência de posições, tendo em vista ambos que as opiniões dos comentaristas sobre a linguagem neutra que vão de encontro.

Em relação aos instrumentos utilizados pelo locutor, é necessário pontuar, inicialmente, que não iremos esgotar suas descrições; isso porque, ao falar de instrumentos, falamos, por um lado, de índices específicos (pessoa, tempo e espaço) e, por outro, de procedimentos acessórios. Esses últimos, conforme Flores (2019, p. 159): “[...] estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca, portanto, à língua toda. Em outras palavras, todos os mecanismos que o locutor utiliza para construir a referência de seu discurso fazem parte dos procedimentos acessórios [...]”. Assim, não pretendemos descrevê-los integralmente por que descrições desse tipo não são possíveis, mas podemos sublinhar e destacar alguns desses instrumentos.

A conjunção adversativa “porém” aparece logo após a Comentarista A dizer que tem “Respeito” pela temática o que, de certa forma, invalida sua colocação sobre ter respeito servindo como um indício para sua discordância sobre o tema, como uma referência a um certo discurso que garante o conhecimento do fenômeno e da identidade de pessoas não binárias, mas ao mesmo tempo, não acredita que esse movimento seja importante ou relevante.

Em réplica ao Comentarista A temos o Comentarista B, que inicia seu enunciado com a conjunção condicional “se” indicando que uma condição necessária para que o fato principal seja ou não realizado. No caso em destaque, o “se” serve para o Comentarista B indicar que se a Comentarista A se preocupa com a questão do respeito, por que ela não faria uso da linguagem neutra? Usando substantivo, “respeito”, trazido pelo Comentarista A. O Comentarista B usa o substantivo entre aspas, acreditamos que seja uma estratégia que busca questionar, de certa forma, a parcialidade e a intenção do Comentarista A. Quando o Comentarista B coloca: “Se você quer “respeitar” um grupo de pessoas por que não usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem?” Ele coloca em xeque a posição proposta pelo Comentarista A. Ao final da réplica, o Comentarista B ainda, em tom de indicação ao Comentarista A diz: “Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto, talvez assim perceba o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas”.

Agora, passemos a ver o Diálogo 1 tendo em vista a busca pela experiência dos falantes em seus comentários e extrair um *contorno de sentido* sobre esses. No enunciado do Comentarista A podemos ver, ao mesmo tempo, que esse faz dois movimentos, ao dizer que: “não entendo o porquê, de usar essa linguagem para um grupo de pessoas se sentirem bem. Sou professora de Língua Portuguesa”, o primeiro movimento sobre sua experiência de falante é de um desconhecimento sobre o fenômeno, da linguagem neutra, que já está em alguns espaços. Já no segundo movimento, o Comentarista A aborda e fala de sua experiência de falante ao dizer que: “Sou professora de Língua Portuguesa” em outras palavras, o Comentarista A evoca um argumento de autoridade para se posicionar sobre a questão da linguagem neutra. Dito isso, sobre a experiência de falante do Comentarista A entende-se, que há um direcionamento para os seguintes desdobramentos: (a) um possível desconhecimento sobre o fenômeno da linguagem neutra e; (b) uma espécie de “ironia” dizendo tendo em vista

que o Comentarista A coloque que “não entendo o porquê...” na verdade, podemos depreender que a pessoa entende o fenômeno pelo viés linguístico, mas não se esforça para entender o viés e impacto social que o uso da linguagem neutra pode promover. Essa relação ainda tem como base o argumento de autoridade do exercício profissional do Comentarista A. Podemos inferir que o Comentarista A se coloca em um lugar que relaciona seu exercício como professora de Língua Portuguesa com o não entendimento sobre a linguagem neutra, em outras palavras, como poderia uma professora de Língua Portuguesa não compreender um fenômeno que envolve a língua?

Sobre a experiência do Comentarista B, em seu enunciado, ele comenta sobre a condição de falante do outro, nesse caso, do Comentarista A e de pessoas não binárias. Sobre a experiência de falante do Comentarista A o Comentarista B questiona, infere e também sugere sobre o uso da linguagem neutra. Sobre a inferência de pessoas não binárias o Comentarista B diz que: “usar a linguagem que faz com que eles se sintam bem”, ou seja, se o comentarista A fizer uso da linguagem neutra fará com que pessoas não binárias se sintam bem. Após isso, ele sugere que o Comentarista A: “Recomendo que procure pessoas não binárias que falam sobre o assunto” e finaliza fazendo mais uma inferência sobre o uso da linguagem neutra e pessoas não binárias: “o quão importante é essa mudança para elas, é uma questão de respeito com a identidade delas”.

Tendo construído esse cenário enunciativo-antropológico, agora vamos abordar a forma como é criada a *referência* identitária da performatividade de gênero, na enunciação, a partir desses enunciados. A partir disso, podemos inferir que o Comentarista A, em seu enunciado, performa uma posição não apenas de rejeição, mas também contrária ao uso da linguagem neutra. Não descrevendo apenas uma opinião ou um estado de elementos anteriores à sua enunciação, mas também invalidando possíveis performances e até mesmo identidades de pessoas não binárias. No que se refere a performatividade do Comentarista B pode-se ver que ao comentar sobre a experiência de falante do Comentarista A e de pessoas não binárias, o Comentarista B constrói sua referência partindo de um lugar que está em consonância e aceitação com o uso da linguagem neutra e identidades não binárias.

Conjunto 2 – Diálogo 2 (Figura 12)

Figura 6 - Conjunto 3 - Diálogo 3.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Quadro 2 - Conjunto 3 – Diálogo 3.

Locutora A	Oi a todes, o meu nome é (nome da pessoa entrevistada) eu sou uma pessoa não binária eu uso os pronomes ele e elu.
Locutora B	Oi, gente, tudo bem? Meu nome é (nome da pessoa entrevistada) e meus pronomes são ela e dela.
Locutora A	A linguagem neutra é uma flexão na linguagem, principalmente nos pronomes e nos adjetivos que ela existe para incluir a todes, incluir pessoas que não se identificam na linguagem como ela é colocada hoje. Pessoas que não são nem homem nem mulher e querem uma língua que abarque a diversidade, a diferença, né. Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeita, ao invés de querido ou querida tu fala queride.
Locutora B	Quando tem o ela e o ele a gente usa o elu. Quando tem amiga, amigo, a gente usa amigue. Quando tu não tá muito acostumado com a linguagem neutra e já quer começar a usar, ser mais respeitoso, você só chega nas pessoas pergunta o nome e pronome dela. Vai ser bem simples, bem tranquilo, normalmente vai responder ela, ele, elu.
Locutora A	É só sobre aceitar, se uma pessoa é não binária e usa o pronome neutro, se refere a essa pessoa como elu, se refere a essa pessoa com linde, é só isso. Não é mudar toda a língua e acabar com todo o português, que é um monstro que vai devorar a nossa língua, não é isso.
Locutora B	É uma linguagem de inclusão e de respeito a todes. Não é algo que vamos impor, é usar quem quer, quem gosta e quem precisa também.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

No Diálogo 1, há 2 locutores: Locutor A, que se caracteriza como um “eu” que inicia o diálogo e elabora um enunciado inicial fazendo uso da linguagem neutra e se apresentando com nome e dizendo quais pronomes usa. O Comentarista B, se caracteriza como Biblioteconomista da UFRGS e segue do mesmo modo que o Locutor A, mas não faz uso de linguagem não binária e continua seu nome e pronomes que utiliza. A idade de ambos os

locutores não é dita por eles, mas aparecem no vídeo, são elas 22 e 20, respectivamente. Além disso, ambos os locutores se colocam em um lugar de um “eu” explicativo e informativo falando sobre formas de usar e como incluir a linguagem neutra no dia a dia das pessoas.

Assim como nos outros diálogos, em relação ao interlocutor, identificamos que pode se tratar também de um “tu” imaginado desdobrado: ainda que não seja possível prever quem terá acesso ao conteúdo da reportagem, já que a mesma se encontram no site de Jornal Zero Hora, na qual qualquer pessoa pode ter acesso, é possível suscitar perfis para esse “tu”: (a) pessoas leitoras do jornal no geral; (b) pessoas que queiram conhecer mais sobre como funciona a linguagem neutra ou ainda; (c) pessoas que já estejam familiarizadas com o assunto e queiram ver usuários da linguagem neutra.

Situação de discurso: trata-se de uma reportagem no formato de enquete feita pelo Jornal Zero Hora de Porto Alegre/RS publicada em 22 de fevereiro de 2023, que tem como objetivo descobrir a partir do depoimento de duas estudantes explicar quando, como e por que usam a linguagem neutra. Vale ressaltar que a entrevista é composta por texto escrito e vídeo. Optamos por colocar a descrição apenas do vídeo, pois acreditamos que seja mais relevante para a análise. Ademais, o espaço dos comentários presentes no Diálogo 3 também se caracterizam como um lugar de aceitação e concordância de posições, tendo em vista que as opiniões dos locutores sobre a linguagem neutra vão ao encontro uma da outra.

Em relação aos instrumentos utilizados pelas pessoas não binárias enquanto locutoras, pode-se pontuar o uso de diversos neopronomes, principalmente os de tratamento. Sobre isso, vale ressaltar que na própria apresentação das pessoas interlocutoras elas já postulam por quais (neo)pronomes respondem. Além disso, pontua-se também o fato de, principalmente, a pessoa Locutora A, trazer exemplos de flexão de gênero em adjetivos como no recorte: “Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeita, ao invés de querido ou querida tu fala queride”. Ainda sobre os instrumentos pode-se entender que ambas as locutoras se esforçam para usarem verbos tanto no subjuntivo quanto no imperativo tendo como objetivo mostrar a possibilidade e uso das flexões que elas apresentam.

Na busca pelo *contorno de sentido* dos falantes, encontramos a primeira experiência retratada quando a Locutora A define sua identidade de gênero como pessoa não binária e diz

que faz uso dos pronomes ele e elu. Ao fazer referência aos pronomes ele e elu a Locutora A se coloca como usuário da linguagem neutra. Sobre a Locutora B ele coloca sua experiência de falante dizendo quais são seus pronomes, mas não faz menção a pronomes neutros.

Na sequência, há uma explicação por parte do Locutora A sobre o que é a linguagem neutra mostrando conhecimento enquanto falante sobre flexão de palavras da língua, principalmente em pronomes e adjetivos. Além disso, a Locutora A ainda caracteriza a linguagem neutra como uma alternativa para as pessoas que não se encontram representadas na língua tendo em vista sua identidade de gênero que escapa ao binarismo de gênero, conforme: “flexão na linguagem, principalmente nos pronomes e nos adjetivos que ela existe para incluir a todes, incluir pessoas que não se identificam na linguagem como ela é colocada hoje. Pessoas que não são nem homem nem mulher e querem uma língua que abarque a diversidade, a diferença, né”. Enquanto sua experiência de falante, o Locutor A fornece exemplos em sua explicação de como a linguagem neutra funciona: “Na linguagem neutra tu termina os adjetivos com e então ao invés de perfeita, ou perfeito tu fala perfeite, ao invés de querido ou querida tu fala queride”.

No que se refere a locutora B, também existe uma explicação seguida de exemplo, sobre a linguagem neutra que demonstra conhecimento por parte do Locutor B como falante: “Quando tem o ela e o ele a gente usa o elu. Quando tem amiga, amigo, a gente usa amigue”. Outrossim, a Locutora B ainda dá uma sugestão, enquanto usuário para pessoas que não tenham muito conhecimento e queiram passar a usar a linguagem neutra. Ademais, Locutora B também se coloca no lugar da experiência de outro falante, um que se identifique como pessoa não binária e mostra que será respeitoso perguntar com quais pronomes essa pessoa gostaria de ser tratada, conforme: “e quer ser mais respeitoso, você só chega nas pessoas pergunta o nome e pronome dela”.

Sucessivamente, temos ainda a experiência de falante da Locutora A se colocando no lugar de outras pessoas não binárias e demonstrando quais pronomes e flexões são possíveis de serem feitos: “É só sobre aceitar, se uma pessoa é não binária e usa o pronome neutro, se refere a essa pessoa como elu, se refere a essa pessoa com linde, é só isso”. Ainda desse modo, a Locutora A se coloca na posição de possíveis falantes que não concordem com a linguagem neutra, chamando atenção para o fato de que não há uma única língua: “Não é mudar toda a

língua e acabar com todo o português, que é um monstro que vai devorar a nossa língua, não é isso”.

Por fim, a Locutora B finaliza o vídeo da reportagem falando ainda sobre a sua experiência de falante enquanto usuário da linguagem neutra, mostrando que o uso ou não uso se trata de uma questão de escolha pelo respeito e inclusão da diversidade na língua. Ademais, também se coloca como um membro dessa comunidade que não irá fazer da linguagem neutra algo imposto à sociedade, conforme: “É uma linguagem de inclusão e de respeito a todos. Não é algo que vamos impor, é usar quem quer, quem gosta e quem precisa também”.

Ambos os locutores constroem em suas performances identidades similares, pois defendem o uso da linguagem neutra, explicam através de exemplos como elas funcionam e também fazem a advertência que enxergam o fenômeno não obrigatório, mas sim uma outra possibilidade de ser da língua e ser na língua. A diferença que conseguimos inferir em relação aos interlocutores é que o Interlocutor A movimenta seus enunciados e constrói sua referência, principalmente, a partir de sua identidade de gênero, como pessoa não binária. O Interlocutor B faz isso, mas não de forma clara, deixando espaço para questionamento sobre sua identidade, mas não invalidando ou enfraquecendo sua referência sobre a temática, mas ainda mostrando-se em consonância e aceitação com o uso e debate sobre a linguagem neutra e identidades não binárias.

O último close: palavras finais

Tendo em vista as análises e o construto teórico elaborado até então, podemos assumir que falantes entendem o fenômeno da linguagem neutra. Entretanto, aqueles que discordam ou não acreditam que o fenômeno seja legítimo tentam fazer certo juízo de valor colocando em xeque tanto a identidade de pessoas que reivindicam por esse sistema quanto a própria ideia de língua de outros falantes, esse movimento além de nocivo busca sobrepor visões de mundo e de língua. Por outro lado, as pessoas que enxergam a legitimidade da linguagem neutra concordam que pode existir uma mudança no comportamento social a partir de uma modificação linguística, a qual tem por intuito o não apagamento de suas identidades e a inclusão de pessoas que são estatisticamente marginalizadas e/ou invisibilizadas.

Os conjuntos analisados revelam a compreensão, por parte de falantes, de que tal mudança é necessária como forma de inclusão e de reconhecimento de pessoas, como por exemplo, as não binárias, que não encontram formas linguísticas que as representem, e, portanto, propõem a criação de outras novas, como pronomes ou desinências de gênero. Essa compreensão indica a existência de relações estreitas entre língua, cultura e sociedade, o que fica claro na relação estabelecida entre a adoção da linguagem neutra, uma evolução social e a recusa a essa adoção e um conservadorismo. Afinal, a palavra tem poder e dá lugar para as pessoas como um reconhecimento linguístico, que por meio de mudanças na língua, provoca um sentimento de reconhecimento e pertencimento.

Nesse sentido, a linguagem neutra pode ser vista como uma forma de questionar as relações entre os falantes, de poder e de status de língua que são construídas através da linguagem, por nós, falantes. Com o uso de uma linguagem mais inclusiva, é possível subverter as normas sociais que se baseiam em diferenças de gênero e orientação sexual, criando um espaço mais igualitário e democrático para todas as pessoas. Portanto, a discussão sobre linguagem neutra e sua relação com as teorias destacadas envolve questões socioculturais e linguísticas importantes. É preciso considerar as diversas perspectivas envolvidas e pensar em formas de utilizar a linguagem de forma mais inclusiva e democrática.

Ao estudar gênero na língua, é preciso cuidado, já que as visões de linguistas e gramáticos nem sempre são universalmente verdadeiras, podendo ser posicionamentos específicos. Alguns autores afirmam que o gênero masculino não é marcado e que o "o" final em palavras masculinas é apenas uma vogal temática, sendo coincidência serem masculinas. No entanto, é relevante considerar que as pessoas que utilizam essas regras percebem o "o" final como masculino, ainda que não seja uma regra geral. A língua não deve ser imposta de forma unânime, pois lida com processos individuais das pessoas. Exemplos recentes incluem a criação de versões masculinas para as palavras Chiquititas e Boca Rosa, relacionadas a participantes do Big Brother Brasil 2023, mostrando inovações linguísticas sem causar desconforto.

Na esteira dessas ideias, é importante dizer que o “incômodo” que as pessoas contrárias ao uso da linguagem neutra dizem existir, ou em casos em que citam a linguagem

neutra como o “assassinato” da LP, na verdade, depende do tipo de mudança linguística de palavras que as pessoas fazem. Um dos questionamentos que fica latente é: podemos ouvir Boco Roso e Chiquitito sem qualquer “ruído” aos ouvidos, agora uma linde, querida ou todes, seria inaceitável? Acredito que esse incômodo com a mudança não é por um preciosismo em preservar a vernácula, mas vem de outra fonte, um lugar de preconceito para com as pessoas que querem apenas (re)existir, também na língua, de um modo diferente e representativo.

Referências

ABRALIN. “Associação Brasileira de Linguística - ABRALIN.” www.facebook.com, 16 Jun 2021, www.facebook.com/abralin.official/. Acesso em 5 Marc. 2023.

ÁRAN, M. **A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. IX, n. 1, janeiro-junho, p. 49-63, 2006. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

ARESI, F. **A relação entre língua e sociedade na reflexão teórica de Émile Benveniste**. 2020. 285 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989. Original publicado em 1974.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995. Original publicado em 1966.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, p. 441-474, 2014.

BORBA, R. **Discursos transviados: por uma linguística queer**. São Paulo: Cortez Editora, 2020a.

BORBA, R. **Linguagem neutra**. ALAB – Associação de Linguística Aplicada do Brasil, 2020b. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=BQ_PGwHFvLg>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BORBA, R.; LOPES, A. Escrituras de gênero e políticas de différence: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp., VIII SENALE, p. 241-285, 2018.

BUTLER, J. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century*. Columbia University Press, 1987.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 288p.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, J. *The Psychic Life of Power*. Stanford, California, Stanford University Press, 1997.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-moderno. **Cadernos Pagu**, v. 11, n.11, p.11-28, 1998.

BUTLER, J. Preface. In.: **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York, Routledge, 1999, pp.vii-xxvi.

BUTLER, J. *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay on Phenomenology and Feminist Theory*, 2004 [1988]. In.: BIAL, H. **The Performance Studies Reader**. Nova York, Routledge, 2004.

CÂMARA, M. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CAMERON, D. **Linguagem inclusiva não é só para inglês ver**. Contxt, 2020.

CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. **As acepções da palavra planeta**.

Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-acepcoes-da-palavra-planeta/19444>. Acesso em: 17 mai. 2022.

COLLING, A. M. **Elxs, el@s e n*s**. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/547637-elxs-els-e-ns>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CONSULTOR JURÍDICO. **Fachin suspende lei de Rondônia que proíbe linguagem neutra em escolas**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-nov-17/stf-suspende-lei-proibe-linguagem-neutra-instituicoes-ensino>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CORBETT, G. 1991. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press.

COSTA SILVA, C. Subjetividade, socialidade e historicidade na arte do problema em Benveniste: prospecções de Gérard Dessons. **Revista Linguagem & Ensino**

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/218002/001121267.pdf?sequence=1>. Pelotas, v. 23, n. 3, p.618, JUL-SET (2020).

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de linguística**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

D W MADE FOR MINDS. **Debate sobre linguagem neutra de gênero divide a Alemanha**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/debate-sobre-linguagem-neutra-de-9%C3%AAnero-divide-a-alemanha/a-58265872>. Acesso em: 14 jul. 2022.

_____. **Onde o terceiro gênero reconhecido no mundo**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/onde-o-terceiro-g%C3%AAnero-%C3%Ag-reconhecido-no-mundo/a-41302711>. Acesso em: 04 ago. 2022.

EXTRA MUROS. **O "ella" nos caracteres de origem chinesa**. Disponível em: <https://www.extramuros.net/2020/07/02/o-ella-nos-caracteres-de-origem-chinesa/#:~:text=Por%20sua%20vez%2C%20os%20chineses,no%20ano%20passado%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FLORES, V. N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). **Letras de hoje Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p.28, dez. 2001. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14418/9604>. Acesso em: 02 jun abreviado 2022.

FLORES, V. N. O Sintoma de Linguagem: Por que gosto de Benveniste? **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 5, dezembro de 2005.

FLORES, V. N. A enunciação e os níveis da análise linguística. **Anais do SITED - Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso**. Porto Alegre, RS, setembro de 2010.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013a.

FLORES, V. N. Semântica da Enunciação. *In: Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013b.

FLORES, V. N. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, dez. 2015.

FLORES, V. N. Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo**, v. 13, n. 1 - p. 9-18 - jan./abr. 2017b.

FLORES, V. N. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2019.

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J.; Teixeira, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. NUNES, P. **Linguística da Enunciação: Uma Herança Saussuriana?** **Organon**, Porto Alegre, n. 43, julho-dezembro, p. 199-209, 2007.

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FUNDO BRASIL. **Significado da sigla LGBTQIA+**. <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqial>. Acesso em: 12 abr. 2022.

KULICK, Don. No. *In.*: CAMERON, D; KULICK, D (eds.). **The Language and Sexuality Reader**. Nova York, Routledge, 2006, pp.285-293.

JAGGER, G. **Judith Butler: sexual Politics, Social Change and the power of the performative**. Nova York, Routledge, 2008.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'Énonciation de la subjectivité dans le langage**, Paris, Armand Colin, 1980, p. 28.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, R. **A masculinidade na clínica**. Rio de Janeiro, 2006. 250p. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Clínica). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LOPES, A. **Aula aberta: Linguagem neutra: relações de gênero na Língua Portuguesa**. LEGESEX UFRRJ, 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=nWR_VXSwnY4. Acesso em: 30 jul. 2022.

MEDEIROS B; BORBA, R. **Larvas Incendiadas**, 15 de abr. de 2021. Disponível em: <https://larvasincendiadas.com/2021/04/15/58-brune-medeiros-rodriigo-borba-linguagem-neutra/>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

METRÓPOLES. **Brasil tem 34 projetos de lei contra o uso da linguagem neutra**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/brasil-tem-34-projetos-de-lei-contra-o-uso-da-linguagem-neutra>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MOHDIN, A. Gender pronouns that are neither male nor female are quietly catching on. QUARTZ. Disponível em: <https://qz.com/839889/gender-pronouns-that-are-neither-male-nor-female-are-quietly-catching-on>. Acesso em jun. de 2020.

MOKWA, M. O papel e a função da linguagem não-binária ou neutral no contexto das

redes online. **Movimento Revista**, 2019. Disponível em:
<https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. Acesso em: 28 de fev. de 2020.

MOREIRA, T. **O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção. Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 4, t. 4, 2010.

MOITA LOPES, L. P. **Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200006>.

O PODER 360. **EUA emitem o primeiro passaporte com opção de gênero neutro**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/eua-emitem-o-primeiro-passaporte-com-opcao-de-genero-neutro/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

O TEMPO. **Índia reconhece a existência de um terceiro gênero: neutro**. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/india-reconhece-a-existencia-de-um-terceiro-genero-neutro-1.823805>. Acesso em: 03 ago. 2022.

OAKLEY, A. **Sex, Gender and Society**. London, Routledge, 1972.

PENNYCOOK, Alastair. **Global Englishes and Transcultural Flows**. Londres e Nova York, Routledge, 2007.

PERÚ 21. **Universidad de Buenos Aires genera polémica por aprobar uso de lenguaje inclusivo com "e"**. Disponível em: <https://peru21.pe/mundo/america/argentina-universidad-buenos-aires-genera-polemica-aprobar-lenguaje-inclusivo-nndc-493697-noticial>. Acesso em: 02 ago. 2022.

PORTAL GELEDÉS. **Olympe de Gouges, a pioneira do feminismo que foi parar na guilhotina**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pioneira-do-feminismo-que-foi-parar-na-guilhotina>. Acesso em: 01 jul. 2022.

TEIXEIRA, M.; FLORES, V. Linguística da enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. **ReVEL**, Porto Alegre, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br].

TEIXEIRA, T. L. M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012.

TEIXEIRA, M; MESSA, R. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 97-116, jun. 2015.

VALLE, KARINE DALLA. **Jovens contam como, quando e por que usam a linguagem neutra**. 22 fev. 2023. Disponível em:

https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/jovens-contam-como-quando-e-por-que-usam-a-linguagem-neutra-clefpcih9001e0171zuhkpjlo.html?utm_source=facebook&utm_medium=feed&utm_campaign=gzh&fbclid=IwAR0nQjruBeK76t5eoy_3Ou6yx-aVHkprjdbE3UskVtZOO_9qxAoEegtDCsk

Acesso em: 10 mar. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.